

CAPÍTULO I

— TOM!

Ninguém respondeu.

— Tom!

Ninguém respondeu.

— Gostava de saber o que foi feito do rapaz. Ó Tom!

A velhota puxou os óculos para a ponta do nariz e olhou por cima dos aros, em volta do quarto; depois puxou-os para a testa e olhou por baixo. Raramente, ou mesmo nunca, olhava através dos óculos para uma coisa tão pequena como um rapaz, porque os óculos constituíam um adorno, o orgulho do seu coração e usava-os por elegância e não para serviço; um par de caçarolas faria o mesmo efeito. Ficou perplexa um momento e depois disse, não zangada, mas suficientemente alto para que os móveis a pudessem ouvir: «Ah! — se eu lhe deito a mão!...»

Não acabou o que queria dizer, porque nesta altura inclinou-se e bateu debaixo da cama com a vassoura — e respirava fundo, a cada pancada que dava. Mas o que saiu debaixo da cama foi o gato.

— Nunca vi nada como este rapaz!

Dirigiu-se à porta, que estava aberta, e aí ficou a olhar por entre os tomateiros e as ervas do jardim. Nem raça de Tom. De modo que ergueu a voz, para se fazer ouvir a certa distância, e gritou:

— Ó To...o...m!

Sentiu um ligeiro ruído atrás de si e voltou-se justamente a tempo de deitar a mão a um garotito que se ia a escapar.

— Pronto! Já esperava por isto. Que estiveste a fazer?

— Nada.

— Nada! Olha para essas mãos e olha para essa boca. Que foi?

— Não sei, tia.

— Ah! não sabes? Pois sei eu. É compota. Aí está o que é. Já te disse mais de quarenta vezes que te mato se não deixas de ir à compota. Dá-me aquela vara.

A vara ergueu-se no ar. A situação era desesperada.

— Oh meu Deus! Tia, olhe para atrás de si!

A velhota voltou-se de repente, ergueu as saias com medo do perigo e o petiz fugiu; num instante saltou o tapume e desapareceu. A tia Polly ficou surpreendida por um momento, e depois riu baixinho.

— Diabos levem o rapaz! Quando é que deixarei de ser parva? Não me tem ele feito dúzias de partidas como esta? Os velhos sempre são muito parvos! Burro velho não aprende línguas, como se costuma dizer. Mas, valha-me Deus!, ele nunca faz a mesma coisa duas vezes! E como há de uma pessoa saber o que se vai passar? Parece que adivinha quanto me pode arrelhar, antes que me decida a castigá-lo, e sabe como me distrair por um minuto, ou fazer-me rir, e lá se vai tudo. Não consigo bater-lhe. Com aquele rapaz não estou procedendo como devia, esta é que é a verdade, e Deus bem sabe que se o não faço é por bondade. Poupa a vara e estraga a criança, como diz o bom livro. Estou a aumentar os meus pecados e a sofrer por nós dois, bem sei. Ele faz muitas maldades, mas... valha-me Deus! É filho da minha irmã que morreu, e não tenho coragem para castigar o pobrezinho. Sempre que o não corrijo, a consciência acusa-me; e sempre que lhe bato o coração é como se se quebrasse. Eu bem sei que um homem nascido de uma mulher tem ainda poucos dias de vida e já está cheio de pecados, como diz a Escritura. Eu reconheço-o. Hoje à tarde ele tem de jogar hóquei, e amanhã vou obrigá-lo a trabalhar, só para o castigar. É muito duro fazê-lo trabalhar ao sábado, quando é dia de descanso para os outros rapazes. Mas ele odeia o trabalho mais do que a qualquer outra coisa, e tenho, mesmo por sua causa, de o obrigar, ou então virei a ser eu própria a culpada da sua perdição.

Tom foi jogar hóquei e divertiu-se muito. Voltou para casa, simplesmente para ajudar Jim, o pretinho. Serrou a lenha para o dia seguinte, partiu as achas antes da ceia — pelo menos chegou a tempo de contar as suas aventuras a Jim, enquanto este fazia três quartas partes do trabalho. O irmão mais novo de Tom (ou antes,

meio-irmão) já andava a fazer a sua tarefa, a apanhar cavacos, porque era um garoto sossegado e não tinha o gosto da aventura e da brincadeira. Enquanto Tom jantava e ia roubando açúcar, sempre que a oportunidade se lhe oferecia, a tia Polly fazia-lhe perguntas cheias de astúcia e muito complicadas, porque queria apanhá-lo em revelações que o comprometessem. Como muitas outras almas simples, a sua vaidadezinha estava em acreditar que era dotada de um talento especial para a diplomacia artilosa, e gostava de contemplar os seus ingénuos e transparentes estratagemas como se fossem maravilhas de velhacaria. Disse-lhe:

— Tom, estava muito calor na escola, não estava?

— Sim, tia.

— MUITÍSSIMO calor, não?

— Sim, tia.

— Não te apeteceu ir nadar, Tom?

Tom teve uma ligeira suspeita, uma suspeita incómoda. Olhou a tia Polly nos olhos, mas estes não lhe disseram nada. Contudo, respondeu:

— Não, não me apeteceu...

A velhota apalpou a camisa de Tom e disse:

— Mas, apesar de tudo, não estás muito quente.

E ficou contente de ter descoberto que a camisa estava seca, sem que ninguém percebesse que era justamente isso que queria verificar. Mas Tom já sabia de que lado soprava o vento, e assim começou a estender cautelosamente a conversa:

— Fomos à bomba e molhámos a cabeça. Vê? A minha ainda está húmida.

A tia Polly sentia-se vexada de pensar que tinha desprezado essa possibilidade e que falhara no seu estratagema. Depois, teve nova inspiração:

— Tom, não descoseste o colarinho de como eu to tinha posto, para lavar a cabeça, pois não? Desabotoa o casaco!

A aflição desapareceu do rosto de Tom. Abriu o casaco. O colarinho estava no seu lugar.

— Diabo! Bem, vai-te embora. Eu tinha quase a certeza de que tinhas estado a jogar, e que depois tinhas ido nadar. Mas perdoo-te: és como o gato escaldado, como diz o provérbio. Desta vez...

Estava meio triste por a sua sagacidade não ter resultado e meio alegre por Tom, ao menos uma vez, ter sido obediente.

Então Sidney disse:

— Está bem, mas julgo que a tia coseu o colarinho com linha branca e não com preta.

— Porquê? Così com linha branca, isso é que così, Tom!

Mas Tom não esperou pelo resto. Quando ia a sair, disse:

— Sidney, deixa estar que mas pagas!

Num lugar tranquilo, Tom foi examinar as duas grandes agulhas que trazia pregadas nas bandas do casaco — uma com linha branca, outra com linha preta. E disse de si para si:

«Ela não dava pela coisa se não fosse o Sid. Raios partam isto! Às vezes cose com linha branca, outras vezes com linha preta. Gostava de saber porque cose ela ora com uma ora com outra. Não se decide por uma cor. Nunca acerto! Mas juro que o Sid mas paga todas. Se eu não lhe chegar, macacos me mordam.»

Tom não era o modelo dos rapazes da terra. Conhecia o menino modelo muito bem e sentia por ele um enorme desprezo.

Dentro de dois minutos tinha esquecido todas as suas preocupações. Não que fossem para ele menos graves e amargas do que são para qualquer homem, mas porque um novo e forte interesse brotava e as afastava para longe, durante algum tempo, justamente como as infelicidades dos homens se esquecem em presença de novos empreendimentos. Este interesse era uma nova e preciosa maneira de assobiar, que tinha aprendido com um negro e que queria praticar sem que o incomodassem. Era uma espécie de gorjeio de pássaro, assim como um trinado fluido, produzido pelo contacto da língua com o céu da boca, de quando em quando, no meio da música. O leitor, provavelmente, lembra-se de como é, se alguma vez foi rapaz. Com persistência e atenção depressa o conseguiu, e desceu a rua com os lábios cheios de harmonias e a alma de gratidão. Sentia-se tão feliz como um astrónomo quando descobre um novo planeta. Mas não pode haver dúvida, no que diz respeito a um prazer forte, profundo e puro: a vantagem era do rapaz e não do astrónomo.

As tardes de verão são longas. Ainda não fazia escuro. Nesta altura, Tom calou-se com o assobio. Um estranho estava na sua frente: um rapaz um pouco mais alto do que ele. Um desconhecido, de qualquer idade ou de qualquer sexo, era uma curiosidade impressionante no pobre lugarejo de S. Petersburgo. Para mais, o rapaz estava bem vestido e bem vestido num dia de semana. Era

simplesmente espantoso. Trazia um boné limpo, o casaco azul abotoado era novo, como as calças que envergava, e aseado. Calçava sapatos, e isto à sexta-feira. Trazia até uma gravata, um bonito pedaço de fita. Tinha um ar citadino que revolvía as entranhas de Tom. Quanto mais Tom se espantava para aquela esplêndida maravilha, mais alto ele punha o nariz e mais miseráveis lhe pareciam os seus trajes. Nenhum deles falou. Quando um se mexeu, o outro mexeu-se também, mas simplesmente de lado, num círculo. Estavam cara a cara, olhos nos olhos. Por fim, Tom disse:

- Sou capaz de te bater!
- Ora experimenta!
- Sou capaz de te bater, sou!
- Se calhar, não és.
- Sou, sim!
- Não, não és.
- Olha que sou...
- Não és!
- Sou.
- Não.

Houve um silêncio incómodo e depois Tom perguntou-lhe:

- Como é que te chamas?
- Que é que tens com isso?
- Talvez tenha.
- Bem... então porque é que não bates?
- Olha que, se insistes muito, bato.
- Muito — muito — muito! Aí está! Vamos a ver.
- Oh! tu pensas que estás muito bonito, não pensas? Dava-te uma tarefa com uma mão atada atrás das costas, se eu quisesse.
- Bem, mas porque é que não dás? Dizes que dás...
- E é que dou, se me desafias muito.
- Tenho visto famílias inteiras com a mesma tesura.
- Lindinho! Julgas que és alguém, não julgas? Olha que chapéu!
- Podes deitá-lo fora, se não gostas dele. Autorizo-te a deitá-lo fora, mas se alguém lhe mexer, chupa.
- És um mentiroso!
- E tu és outro.
- És um trapalhão e não te atreves.
- Põe-te a andar!
- Eh, olha que, se falas muito, levas com uma pedra na cabeça.